



Asociación para el Estudio de Temas Grupales,
Psicosociales e Institucionales

ÁREA 3. CUADERNOS DE TEMAS GRUPALES E INSTITUCIONALES

(ISSN 1886-6530)

www.area3.org.es

Extra Nº5 – Verano 2023

Material presentado en la III Asamblea Internacional de Investigación en torno a la
Concepción Operativa de Grupo, Salvador de Bahía, 8-10 de septiembre de 2022

Sobre o Grupo Operacional Online e os Grupos Online¹

Verónica Del Oro²

Gabriela Erasmo³

Fernando Torres⁴

Com base na experiência adquirida na coordenação, observação e ensino em grupos operacionais online, e através das reuniões de trabalho em grupo realizadas entre nós, pudemos contribuir como conceituação uma série de elementos comuns que podemos destacar como reflexões, hipóteses e propostas de trabalho que poderíamos, portanto, destacar, embora não seja uma lista exaustiva.

SEMELHANÇAS

De início, destacaremos que com o novo ambiente on-line encontramos um paralelismo a ser estudado entre o atendimento físico e um novo atendimento virtualizado. Muitos elementos se assemelham, embora não sejam exatamente iguais, de modo que o grupo online se materializou inicialmente como uma “reprodução” ou “tradução” da modalidade de grupo presencial

¹ Trabajo presentado en Nodo de Formación.

² Escola de Psicologia Social do Sul – Argentina

³ Escola de Psicologia Social do Sul - Argentina.

⁴ Associação de Psicoterapia Operativa Psicanalítica - APOP - Espanha.

em um novo ambiente, no qual, entretanto, toma sua forma particular e se adapta às suas novas variáveis e configurações, apresentando assim características próprias.

INTERFACE

Em grupos online, a familiaridade com a interface é importante para os participantes e para a coordenação; e no caso destes últimos, no sentido de que sua atenção pode estar em sua função em relação a tarefa e grupo, e não no funcionamento do sistema-ambiente tecnológico. Quando não há facilidade de uso da ferramenta, o sujeito imerso no ambiente não consegue vivenciar a experiência da mesma forma que quando já existe uma experiência anterior de uso ou um hábito apreendido de usar a interface do sistema, pois a atenção está voltada para o O uso dos dispositivos nos faz perder a atenção e a possibilidade da experiência de inserção naquele ambiente. Dessa forma, você pode sentir distância ou estranheza e até uma rejeição explícita de seu uso.

GRUPOS JÁ INICIADOS E GRUPOS QUE INICIAM

Observamos que os participantes dos grupos operacionais já iniciados no atendimento convencional fizeram a transição para a modalidade online não sem ansiar pela presença física; no entanto, eles puderam continuar com sua formação, e os processos grupais que ocorreram neles foram equivalentes aos observáveis na modalidade convencional. Como hipótese explicativa, poderia haver a existência do vínculo grupal, e transferência entre os participantes, inclusive o grupo interno, todos já constituídos previamente nas sessões presenciais, bem como a transferência já estabelecida com a coordenação. No entanto, nos novos grupos iniciados diretamente online, os processos foram semelhantes sem a existência de um histórico prévio, o que parece tornar desnecessária a existência de um histórico prévio do grupo presencial para que os fenômenos grupais se desenvolvam online em processos.

Nesses grupos, sem histórico presencial anterior, os novos grupos criados durante as restrições sanitárias por conta da covid, gerados e iniciados diretamente no modo online, não foram observados incidentes significativos que dificultassem a geração de vínculos grupais entre os membros ou para a tarefa, bem como dificuldades de transferência com coordenação, sempre “economizando distâncias” com o evento grupal de presença física. O que pode surpreender inicialmente, mas sobretudo mostra a plasticidade do método grupal para se adaptar a diferentes ambientes de interação.

Nesse sentido, é importante o relato textual de uma experiência vivida tanto em grupo operacional quanto em oficina. No início do ano letivo de 2020, no decurso da carreira de Psicologia Social de um primeiro ano, surgiu um colapso das redes de conectividade virtual, que implicou a desconexão das plataformas educativas e, em geral, que as colocou em situação de alertar alunos, diretores e coordenadores da instituição; Foi aí que a coordenação facilitou um grupo de WhatsApp, que posteriormente foi replicado por vários dos integrantes do grupo de participantes para, posteriormente, possibilitar que as salas de aula do zoom abordassem a tarefa, o que gerou a criação de uma rede de trabalho colaborativo. configurado entre pessoas que não

se conheciam anteriormente, então, neste caso, parece que esse ambiente pode até fomentar o vínculo. No momento de ver os rostos um do outro, os vetores do cone invertido poderiam começar a operar, sendo que Enrique Pichon-Rivière localiza esses vetores que constituem uma escala básica de avaliação dos processos grupais, vetores que atuam como ponto de referência para a construção de interpretações.

Uma das primeiras situações de conflito, que vimos no Grupos em que surgiu a modalidade online, no que diz respeito às questões que mobilizam o grupo de grande ansiedade, é o que dá origem à questão “me inscrevi na licenciatura em psicologia social, porque achava que era algo para fazer presencialmente, e se agora é virtual, como é feito? O novo contexto tornou-se texto e, entretanto, o real irrompeu na vida de cada um, aquilo que escapa ao simbólico, que ultrapassa a palavra, e a incerteza tornou-se muito presente, gerando grande ansiedade grupal, mudanças radicais, traumáticas; para Enrique Pichon Rivière são causa de angústia, de agudização de angústias e de desestruturação do esquema referencial diante do novo, da mudança. Uma situação de crise do tipo “o velho está morto, mas o novo ainda não nasceu”. Há um “branco” traumático comparável ao real em Lacan, de representação, ao menos momentânea, impossível de uma resposta ao que fazer com o virtual.

Este é um bom momento para partir do conhecido e chegar ao desconhecido de forma mais agradável e significativa, gerando tecnicamente um paralelismo das experiências de coordenação presencial e assim implementando recursos virtuais, dos mais simples aos mais complexos, transmitindo às experiências em grupo que levariam a uma melhor compreensão tendo em conta este grande desafio.

No depoimento do grupo sobre a necessidade da presença do outro do físico, do cotidiano, do que teria sido se o treinamento tivesse sido presencial, os participantes referem como ansiavam por ir ao refeitório, e da coordenação o emergente diante da necessidade, o anseio pela recreação tradicional e o que isso implica em relação aos vínculos; aqui a coordenação entre zoom e zoom propõe um recesso como de costume, que foi o recurso pensado para a modalidade presencial prevista inicialmente, referindo-se à coordenação de que desligar a câmera e o microfone os deixaria em recesso, mencionando que eles decidir o que querem compartilhar nessas conversas de café que tanto ansiavam. A partir daqui, a “recriação virtual” implicou uma viragem, promovendo a mútua representação interna em ambos os espaços, tanto no grupo operativo como na oficina, significando um antes e um depois no trabalho de grupo, pertença e reconhecimento. um outro diferente.

Nos grupos de formação que se iniciaram no atendimento físico, e que tiveram de passar temporariamente pela modalidade online, no momento do regresso à presença convencional temos observado emergir relativamente ao corpo, “os tamanhos, as alturas, as dimensões dos corpos” , que teve como foco o retorno a uma percepção diferencial do corpo alheio, o que nos leva a sugerir que talvez na modalidade online haja uma homogeneização em termos da dimensão espacial da corporalidade, como se, apesar das diferenças nas imagens mostradas na tela, as dimensões do corpo tornaram-se menos apreciáveis, mais homogêneas.

TRANSFERÊNCIA, TRANSFERÊNCIA RECÍPROCA, ECRO, COORDENAÇÃO

Observamos fenômenos de transferência on-line e transferência recíproca, semelhantes aos que ocorrem em grupos convencionais presenciais, bem como afetos, emoções e papéis atribuídos e assumidos e outros elementos que, com características próprias do ambiente virtual, como elementos do processo grupal, são muito semelhantes, em alguns aspectos substancialmente ou até iguais, aos mesmos em sua modalidade de atendimento presencial.

O ECRO da coordenação quanto ao seu entendimento da possibilidade de constituição de grupos em ambientes virtuais não presenciais (como elemento de transferência recíproca-contratransferência) é importante quando o grupo como tal pode ser constituído. Este ECRO de coordenação pode codeterminar, agindo pelo desejo, a possibilidade de que o que se constitui no futuro seja um grupo, através de um efeito performativo que, no entanto, será modulado em seus resultados pela própria dinâmica de grupo, que pode assumir como realidade ou superá-la se seu processo tende à constituição do grupo.

Já comentamos o que observamos em termos de atenção quando não há experiência anterior e capacidade de utilização das interfaces de ambientes online, e achamos que, no caso da coordenação, se não estiver acostumada com o ambiente é possível que: 1) por um lado, ele não consiga manter sua atenção no desenvolvimento do grupo, pois parte de sua atenção estará voltada para o uso ou operação das ferramentas; 2) gera-se uma “contratransferência”, ou transferência recíproca, “negativa” de coordenação com o próprio ambiente, com a qual são influenciados os processos de transferência grupal, mesmo a percepção da “possibilidade” de formar um grupo pode ser afetada em um ambiente em que a coordenação não pode realizar, colocar em jogo sua função, pois está “presa” às impossibilidades geradas afetivamente e cognitivamente pelo próprio ambiente; 3) a coordenação não pode “convocar” um grupo, pois, na realidade, não concebe a possibilidade de haver um grupo online, pois essa “crença” se constitui como elemento prévio incluído em um ECRO constituído pela falta de experiência no trabalho com o próprio ambiente, que não foi internalizado (ainda) como o ECRO-operador de coordenação, mas que nele atua de forma inconsciente, impossibilitando a própria constituição do grupo entre os participantes, pois o olhar da coordenação não será sobre um grupo-objeto, quando é impossível para eles representá-lo como grupo no ambiente online.

ENQUADRAMENTO

Propomos repensar o framework nessa virtualidade virtualizada presencial ou presencial. A tela, como elemento de relação, comporta-se como um dispositivo de “enquadramento”, dando origem a algo que podemos chamar de enquadramento de tela, dentro do qual o grupo se desenvolve e que gera fenômenos grupais por sua própria natureza virtual. Fenômenos, basicamente de tipo imaginário. Isso acontece primeiro por causa de seu próprio design físico e, em segundo lugar, porque, quando o grupo se reúne online, a tela serve como um quadro com limites dentro do qual o grupo se estabelece, pelo menos como uma imagem. Esse enquadramento-de-tela marca o limite, delimita a pele do grupo, e lhe dá uma entidade como globalidade percebida, como imaginário, quando o grupo que o atende, e em sua totalidade, é mostrado na tela.

Dentro desse quadro de tela, os participantes se percebem no nível da imagem, como se de fora, eles podem até se perceber como mais um elemento dentro do grupo de participantes, com a possibilidade de que essa percepção no imaginário afete a configuração da representação interna mútua, o grupo interno e a constituição do grupo “nós”. Assim, a representação interna mútua, como organizador do grupo, propomos que está sendo influenciada pela percepção na tela do grupo de participantes, grupo dentro do qual cada um dos participantes se percebe simultaneamente no tempo, facilitando assim a interação mútua interna. representação e, portanto, também a possibilidade do surgimento dessa nomeação do “nós” fundamental para a constituição de um grupo.

Neste quadro do frame online, a coordenação também pode ser percebida como uma imagem de si mesma e, ao mesmo tempo, de fora; por sua vez, ele pode aparecer em um lugar indeterminado no quadro da tela, de modo que não há um “lugar” espacial específico para desempenhar sua função, e isso faz com que a apoggiatura espacial que na distribuição física se perca. cadeiras de coordenação, que normalmente são mantidas ao longo do tempo, e terão que manter seu “lugar” no exercício de uma posição funcional, sem o suporte espacial imaginário que sempre existe na presença física do grupo operativo convencional, sendo, portanto, sua transferência e posição de “sujeito-suposto-conhecimento” fundamental no ambiente virtual.

FANTASIAS, ANSIEDADES

Para nós é importante pensar como as angústias grupais se sustentam nessa virtualidade, fantasias individuais, fantasias grupais; há novas configurações fantasmáticas próprias ou fomentadas pela situação de virtualidade, pelo ambiente de interação? Observamos que surgem fantasias específicas à participação em um ambiente virtual. Uma delas é a do “desaparecimento” ou “não-aparecimento” que temos observado nas fases iniciais dos grupos online, principalmente em participantes inexperientes em termos de ambiente, e que tem a ver com o medo de desaparecer do tela e não pode reaparecer. Esta ansiedade pode ocorrer de forma semelhante na coordenação, tanto associada à própria presença virtual como ao desaparecimento de alguns dos próprios membros, por exemplo devido a desconexões de linha. Outra fantasia é a de “não saber me virar” que está relacionada à desagradável sensação de não ter clareza sobre como operar com a interface, tanto em termos de som quanto de imagem, e de cometer algum “erro” que poderia impedir comunicação ou degradá-la de alguma forma.

A VIDA COTIDIANA COMO PARTE DA PRESENÇA

Uma característica dos grupos virtuais é que os membros e a coordenação aparecem, ou podem aparecer, junto com elementos de seu cotidiano que não apareceriam em um grupo presencial convencional, e que passam a fazer parte de sua presença diante dos demais e têm efeitos no processo do grupo. Podemos colocar aqui como exemplo uma situação de grupo online que ocorreu em um dos grupos online em que um assistente se levanta, desaparece, ela é então vista abrindo uma porta no fundo da sala e olhando para baixo, fecha-a, volta, senta-se novamente em sua posição inicial... e alguns segundos depois... um gato atravessa sua mesa... o que nos sugeriu que ele abrisse a porta para o gato, e o deixasse entrar no grupo, possivelmente da

mesma forma que o grupo estava entrando em sua casa. Em nossa opinião, esse aparecimento de fragmentos do cotidiano levaria a uma percepção menos abstrata e mais humanizada dos participantes, uma apresentação de seu ser e estar em seu cotidiano ou em parte dele; mas também pode desempenhar um papel na percepção social deles a partir do ambiente em que aparecem, sendo que esse ambiente pode ser, e de fato é, preparado e projetado como mais um elemento para dar uma imagem social de si mesmo em um nível semelhante ao da roupa, do penteado, da aparência, da maquiagem, dos objetos com que se adorna, etc.

CORPO, PRESENÇA, ESPAÇO, TEMPO, OLHAR, IMAGEM, VOZ

Consideramos relevante abordar as várias questões, em torno de como afeta o fazer em e com os grupos face à ideia de um corpo que não é o mesmo do face a face, questionando o que é o face a face -face do corpo? A partir de uma abordagem que aborda a psicologia tradicional, partimos para pensar, em primeiro lugar, que o corpo é representado a partir de uma constituição do aparelho psíquico e como esse corpo se estruturou a partir da ideia fundadora do eu perceptivo-motor, mas prevalecendo principalmente que é um corpo próprio. A partir daqui é importante considerar a presença do corpo, existem diferentes corpos virtuais e presenciais, do que isso depende? A esse respeito, pensamos que o aspecto sensório-perceptivo desempenha um papel fundamental na ideia de dois corpos diferentes, um para presença e outro para virtualidade, por isso dizemos que nessa cena a libido está localizada de forma diferente, na medida em que pensar que o conflito como base predominante em todo ser humano surge da ideia de um corpo presente em torno do contato; para isso consideramos levantar a possibilidade de ver o corpo como “Um”, e em relação aos outros do virtual como um “contato sem toque”, cabendo destacar que na falta do toque o contato continuará sendo possível, já que a Virtualidade dá essa possibilidade de dar entidade a um corpo presente na virtualidade de uma forma diferente, então é isso que se torna disruptivo, a falta de um corpo com possibilidade de contato?. Nosso corpo, como conexão com o mundo, aparece cortado, em partes e exposto a um olhar que condiciona a corporeidade de cada um. No ambiente online, essa parcialidade se manifesta de forma mais radical do que na presença física, na qual também ocorre, dada a peculiaridade do ambiente online, que deixa de fora a possibilidade de vínculo com o outro a partir de uma percepção mais globalizada, articulado através de todos os sentidos e com a possibilidade de contato físico real. No entanto, essa exposição on-line tendenciosa ao outro permite o reconhecimento e o vínculo, além de possibilitar a identificação, tanto no sentido da possibilidade de reconhecimento identitário do outro e diante do outro, quanto da possibilidade do processo inconsciente.

No ambiente virtual, apresenta-se uma forma diferente de conduzir os corpos, coberta, fragmentada, pela falta de completude, o corpo em partes, e a questão de como isso pode afetar o vínculo e a corporeidade. Aqui é essencial podermos pensar no que isso implica, como influencia a ideia de um espaço modificado, um espaço que é substituído por um virtual, longe do toque, como dar sentido a este novo espaço, que substitui o já conhecido? Nesse sentido, o espaço não pode ser percebido sem um corpo que o habite e lhe dê sentido, ou seja, estamos falando de outro espaço? Pode-se considerar que estamos diante de outro espaço, o virtual fisicamente diferente, não face a face, mas espaço. Como abriga o corpo? Seria de outra maneira, o espaço está em uma caixa, em um quadro significativamente novo, implica investir de

maneiras diferentes na percepção dele, que convida a reestruturar a forma de habitá-lo, algo assim, como um espaço dentro outros espaços, o bastão, a tela, a caixa, o total, então o corpo é vivenciado da mesma forma que em um espaço face a face, tátil, em contato com a proximidade do corpo do outro mesmo que seja um contato sem toque? Pode-se começar pensando que são muitos os espaços coexistentes que são habitados de maneiras diferentes, que vão ser determinados pelas condições concretas de existência dos sujeitos que os habitam; portanto, é importante destacar que o lugar do corpo também será condicionado pelo tempo, uma espécie de trilogia entre corpo, espaço, tempo, o que torna possível pensar sobre isso de muitas perspectivas, algumas já mencionadas acima e muitas outras mais abertas a serem investigadas e aprofundadas.

Argumentamos que existe o perigo de repetir modelos que reproduzem uma ideia estabelecida de corpo, e a homogeneizam, cerceando o movimento e a criatividade em direção à obediência a uma ordem socialmente estabelecida. Esse perigo pode ocorrer de maneira especial no ambiente virtual em que o movimento e a homogeneização em termos de interação, ordenados a partir das possibilidades do próprio ambiente, podem ampliar o estabelecimento de diretrizes estereotipadas ou pré-instituídas sobre como se apresentar, se representar, ser visto e ouvido. No entanto, a impossibilidade do contato físico também gera a possibilidade de uma presença distanciada que o sujeito pode aproveitar, em sua modalidade imaginária de “máscara”, atrás da qual se esconder, desinibir seu comportamento, mas também quebrar os moldes. iguais e se destacam.

Dentro do novo frame online, a forma de ver o outro e de ser visto muda, e o corpo ocupa outro lugar, desertizado, e temos que pensar no que ele implica em termos de sentir, expressar, fazer. Ou seja, a erotização no ambiente online não é sinônimo de ambiente presencial, pois é determinada pelos elementos da relação e pela impossibilidade real de “contato com-tato” no virtual, uma erotização mais próxima à ordem das imagens corporais.

Nesse sentido, queremos destacar a diferença que, em termos de relação corporal, existe no ambiente face a face em relação ao ambiente online, no sentido de que na situação face a face convencional (exceto quando permitido pelo próprio tipo de atividade grupal) desenvolver e, portanto, é considerado pré-estabelecido como uma possibilidade) o contato físico corporal é elidido justamente pelo próprio encontro face a face, ordenado para o surgimento da palavra, de modo que o que não é transmitido através dele pode ser considerado uma atuação; ou seja, o contato físico em um ambiente face a face é possível, porém é “censurado” (embora não seja explicitado), pela “lei” interna do ambiente; enquanto no ambiente online o contato físico entre corpos não pode de fato estar fora dessa lei, porque é simplesmente impossível. Talvez essa estrutura, agindo como um real interno impensado, seja o que gera o efeito daquela “falta de contato físico”, “saudade de abraços”, que em tantos grupos online tem sido colocado em jogo como emergente, mas que factualmente podemos considerar anseio por algo que na dinâmica dos grupos de concepção operativa face a face raramente ocorre em geral. Talvez se anseie a possibilidade de que a própria existência dessa lei de que falamos a torne desejável. Acrescentamos que essa impossibilidade de contato físico online talvez possa gerar a possibilidade de outro desejo nos grupos virtuais, o do contato na ordem do imaginário, suprimindo de alguma forma a impossibilidade do contato com-contato. imagem e, com um aspecto específico de corporalidade, por meio da voz.

Concebemos que o olhar, a imagem e a voz funcionam em grupos online como elementos corporais e identitários. São os elementos com os quais se constitui a relação, o vínculo, o vínculo dentro dos grupos online. Quando o grupo se depara com sua representação interna, representação mútua, ele o constituirá com e a partir desses elementos.

Postulamos, por todo o exposto, como hipótese, que no grupo operacional online e nos grupos online, possibilitados pelos ambientes virtuais, em relação aos sujeitos que ali fazem ligação, há presença, e não é sem corpo.

SUTIÃ E FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Da mesma forma, entendemos que a modalidade grupal em ambiente virtual tem sido um elemento que possibilitou o encontro, a presença, o contato humano, entre sujeitos que de outra forma não conseguiriam se comunicar, com os quais de alguma forma tem servido como suporte formativo e comunitário. Uma modalidade de reunião em grupo que veio para compensar a ausência de grupos fisicamente presentes por motivos de saúde mas que, por sua vez, “tomou forma” por si só, com a expectativa atual de poder coexistir com a modalidade convencional uma vez de restrições acabou. Teremos que esperar para ver com que intensidade de uso e como isso afeta nossos quadros. No entanto, estimamos aqui que continuará ao longo do tempo como um novo ambiente de reunião de grupo, como alternativa, mas também em paralelo como local onde se realiza a técnica de grupo operativo.

Assim, propomos pensar o grupo operativo online como um dispositivo a partir do qual “desenvolver projetos coletivos onde planejar a esperança junto com os outros”. Nesse sentido, um grupo online, além de sua função de suporte, também pode reunir pessoas de diferentes partes do mundo, o que talvez amplie sua possibilidade de ser instrumento de instrumentação para a mudança pelo acesso à nova esfera do “global”, como instrumento de transformação comunitária e social. Um dispositivo contra-institucional que agrega seu valor ao esforço de uma tarefa de transformação e superação do neoliberalismo vigente (esse seria um de seus aspectos paradoxais, visto que se trata de uma ferramenta concebida dentro do próprio sistema).

A HORA DE TERMINAR

Para concluir, indicamos que através deste texto mostramos uma série de observações feitas por grupos coordenadores e fazemos uma série de abordagens e propostas, dentre as quais gostaríamos de destacar que, embora de forma diferente, nos grupos online ocorrem fenômenos semelhantes a esses grupos convencionais físicos presenciais, juntamente com a própria fenomenologia do ambiente, e que a técnica do grupo operativo possa existir no ambiente virtual, com características próprias. Da mesma forma, propomos que essa talvez “descoberta” de que o grupo operativo é possível ali -não desde o início aceito por todos os colegas-, e justamente pelas características do próprio ambiente virtual que possibilitam o agrupamento, deveria nos fazer repensar (se ainda não foi feito) o que é subjetividade, o que é presença, o que é corpo, o que é espaço e tempo grupal, o que é moldura. como é o processo, assim como todos os vetores e variáveis e elementos da nossa concepção operacional de grupo que tantas vezes

trabalhamos. Nos momentos iniciais da entrada do virtual na concepção operativa, foram muitos os colegas que sequer vislumbraram a possibilidade da existência de um “grupo” on-line, talvez, essencialmente, justamente pela polêmica questão da corpo nesses novos ambientes, bem como a questão da “presença” e sua relação com a possibilidade de corporalidade nos ambientes virtuais. Os autores do texto são de opinião que, entre os elementos propostos para repensar, o significante “corpo” merece ser desconstruído dentro de nosso ECRO, para construí-lo novamente, mesmo porque parece que está mostrando que os fenômenos do olhar -com particular casuística no on-line- mas sobretudo da imagem corporal -parcial- e da voz, embora de forma não exatamente idêntica à dos grupos de atendimento físico, são suficientes para que o sujeito ali esteja presente, mesmo com efeitos em seu corpo físico.

